

Comércio cresce com assentamento

Ao resolver o acentuado déficit habitacional para as famílias de baixa renda do Distrito Federal, o programa de assentamentos do governo Joaquim Roriz também reaqueceu o mercado de materiais de construção. O comércio de materiais de construção em Brasília — que já esteve em primeiro lugar em termos de nível de vendas na época da construção da cidade — teve um decréscimo após a consolidação da capital. Porém, a partir de 89, com a implantação de Samambaia, o mercado começou a se recuperar e hoje está em terceiro lugar, atrás apenas dos setores de alimentação.

O incremento nas vendas, segundo avaliação de empresários do setor, é mais notado nas cidades-satélites mais próximas aos grandes assentamentos. Em Samambaia isso é nítido — a cidade tem uma grande concentração de novas lojas de materiais de construção que vendem especialmente os produtos básicos, como tijolos, telhas e cimento. "O material básico sai mais, mas também temos um bom movimento de material de acabamento — não o fino e sim o mais simples", explicou o gerente da Cimfel de Samambaia, Carlos Ribeiro. Em Samambaia existe hoje cerca de cem lojas de material de construção.

A Cimfel é um bom exemplo da expansão do setor de materiais de construção. A empresa criou mais uma loja em Samambaia — até 89 tinha somente a de Ceilândia — e já tem planos de partir para outras satélites. "O



Samambaia abriga uma grande concentração de lojas de materiais básicos como tijolos, telhas e cimento

número de pessoas que atendemos aqui vem aumentando gradativamente", disse Ribeiro, acrescentando que, entretanto, nem todos os clientes são de Samambaia e dos assentamentos próximos. "Vem muita gente do Plano Piloto e dos Lagos Sul e Norte", informou.

Crescimento — Um levantamento do Sindicato do Comércio Atacadista

de Materiais de Construção demonstra que de 90 para 91 houve um acréscimo de 214% no número de lojas desse setor em Sobradinho. Eram 14 estabelecimentos até 90 e no ano seguinte, o total passou para 44. "E olha que Sobradinho é um dos menores assentamentos", frisou o tesoureiro do Sindicato, Hirley Matias. Segundo ele, a melhoria no movimento de vendas é mais acentuada nas cidades-satélites,

especialmente na região de Taguatinga, Ceilândia e Gama. "Nas lojas do SIA, cujos clientes são do Plano Piloto e Lagos Sul e Norte, houve até um decréscimo nas vendas, por causa da recessão. Com toda a crise econômica, investir em obras acaba sendo supérfluo", ponderou.

A ampliação do mercado, conforme Matias, aumentou também a concorrência. "Essa faixa do mercado se dividiu em três vezes mais", explicou, lembrando que o fenômeno mais comum depois da implantação dos assentamentos foi a criação de lojas por funcionários de estabelecimentos antigos. "Muitos gerentes saíram da matriz e abriram novas lojas", reconheceu Matias, ao prever algumas dificuldades para os novos comerciantes. "A concorrência está cada vez maior, a margem de lucro diminuiu e a carga de impostos aumentou", ressaltou.

Marcos Braz da Silva é um exemplo típico de ex-gerente que virou empresário. Ele trabalhava em uma loja de Taguatinga, pediu demissão e no final de 91 abriu a Braz Materiais de Construção, no centro de Samambaia. "Este mês as vendas caíram um pouco. É a crise. Mas com o aumento dos salários dos funcionários públicos, o setor já começa a reaquecer", garantiu. Braz disse que apesar das dificuldades iniciais, o mercado de materiais de construção foi um bom investimento. "Com construção e alimentação sempre temos de gastar", afirmou. Embora venda também o material básico, o carro-chefe do seu estabelecimento é o setor de mansões de Samambaia.

Espaço de loja fica pequeno para o estoque

O aquecimento do mercado de materiais de construção pode ser medido pelo espaço ocupado pelas lojas para estocar as mercadorias. Muitas têm de usar áreas públicas para colocar tijolos, telhas, louças sanitárias e cimento, e acabam criando problemas para as administrações regionais. "A área da loja é muito pequena", afirmou o gerente da Cimfel de Samambaia, Carlos Ribeiro, reconhecendo que a solução foi deixar parte do material na área pública, mas evitando trazer transtornos às demais pessoas. "Não temos outra saída", completou Marcos Braz da Silva, proprietário da Braz Materiais de Construção, também de Samambaia.

As administrações regionais ten-



Por falta de espaço, lojas colocam material em área pública

tam minimizar o problema da melhor forma, para conciliar o desenvolvimento econômico das cidades com o bem-estar da população. A Administração Regional do Núcleo Bandeirante determinou que os comerciantes da Candangolândia depositem o material em blocos nas áreas públicas e não espalhados de qualquer forma, para evitar o impedimento do livre acesso dos moradores da cidade.

Porém, as soluções individuais são temporárias, já que o GDF lançou o Shopping do Material de Construção, no Setor de Indústria de Ceilândia. Os primeiros lotes serão licitados em junho. O terreno para o shopping deverá abrigar os depósitos de 400 empresas, com lotes que variam de mil a cinco mil metros quadrados, dependendo do porte do estabelecimento.